



1) O território entendido como conceito-chave da geografia apresenta na própria etimologia da palavra características importantes para vincular a elementos que irão delinear aspectos de leitura da realidade, de forma <sup>que</sup> os termos "terra-territorium" e "terreo-territus" nos apresentam a priori relação com a "terra" / substrato material e simultaneamente com a apropriação / dominação e a relação de poder que subjazem esse processo. Assim citamos o conceito em Habermas (2001) a relação de poder e o conceito de ~~(território)~~ determinada praça (viva) espacial como central para compreensão do conceito.

O território apresenta também na estrutura geográfica, a exemplo da utilização feita por Fitzgall com destaque para a leitura do Estado Novo e das referências de controle, portanto entendidas a partir do ~~sujeito~~ territorial concreto. Desta forma conclui-se que a leitura de um conceito não é feita de forma estanque ou isolada, de forma que apenas de sua obtenção, neste momento a interpretação e construção do autor especificamente relacionada ao conceito de território e a leitura se estabelece através da relação com outros conceitos no que Habermas denominou "contexto de <sup>referência</sup> conceitos" ponto nodal para realizar distinção ~~relativa~~ a exemplo do próprio conceito visto a partir de Fitzgall que traz em sua abordagem a concepção que o autor apresenta de espaço, notadamente, e nesta relação que emergem a relação de poder, apropriação e controle como central para a leitura de território ~~processo~~ no âmbito do autor ficando muito mais estabelecida a relação pra além do substrato material.

Neste contexto apresenta a contribuição para a leitura de Souza na qual chama atenção a definição de território pra além do ~~fronteiriço~~ do Estado novo, ou seja, a partir de central espacial de controle e possível de ~~reivindicar~~, por exemplo os territórios de ~~fronteiriço~~ que através da apropriação e ~~segura~~ presença ~~prática~~ nos ~~espaciais~~ características ~~relativas~~ (as fronteiras do período do ~~Estado~~) e uma ~~vez~~ se há como possibilidades para compreensão do conceito. Vale



memória que a leitura do território em múltiplas escalas é um recurso importante para a compreensão do espaço escolar, visto que através de pesquisas de diversas idades é possível valorizar identidades e revelar como se dá a produção do conhecimento geográfico através do tempo.

De acordo com recomendações a Hoelberst (2011) para entender o território a partir de três dimensões: jurídica-política, simbólica-cultural e econômica. A primeira pode ser observada inicialmente através de exemplos tradicionais de importância do Estado já apresentadas em relação a dimensões territoriais no âmbito do ensino com o intuito, com as experiências e situações que perfazem a própria construção dos sujeitos. Nesse sentido o território pode ser entendido a partir de Bourdieu com um "valor", como algo que faz da dimensão do ter para o sujeito "ser". É elucidativo observar a importância do território para comunidades tradicionais, indígenas, quilombolas e toda outra simbologia cultural envolvida por indivíduos, idades, tradições e formas de vida que produzem e dialeticamente podem produzir no/por aquele território. Já a dimensão econômica mostra, por exemplo, a existência de atividades realizadas por milhares de pessoas, a dimensão do território como espaço e sua fonte de recursos indispensáveis para reprodução da vida. A exploração realizada até aqui busca minimamente demonstrar a possibilidade de leitura da realidade através de um conceito que se foi apontado como objeto de fim em função do avanço da globalização, portanto não desmerecendo a afirmação de fim dos territórios que trouxe para o centro da vida o tempo como categoria que cria e desaparece o mesmo enquanto o espaço.

Além, ainda no âmbito de argumentação apresentada por Hoelberst podemos fazer o vínculo com a atuação do Estado (que não foi mencionada), com os seus pertencimentos e identidades que não foram mencionadas apesar do avanço das dimensões geográficas se mesmo (para fazer ~~claro~~ claro a ordem aqui apresentada)



operação que tem um papel do território para a construção inclusiva e a várias possibilidades de utilização e interação compreendida a partir do desenvolvimento das redes. Isso se, portanto, funciona este se assemelha a contribuição de Milton Santos ao que estas construções de aproximação e paralelas entre a importância relativa - e inserida na densidade re-territorialização de Haebler e Collet (Milton P. Gonçalves) reterritorialização através de um espaço de fronteira quantitativamente e qualitativamente. Assim a densidade técnica e o desenvolvimento das redes de comunicação transformam relações tradicionais, porém sem abrir mão da materialidade em um contexto de qual e combinado o fundamental compreender que mesmo um que seja através de áreas de geografia, esta vista como prática e possibilidade já na indicação a disponibilidade de acesso e forma de vincular a fluidez propalada. Não necessariamente porém a transmissão de informação e do desenho, do poder e controle espacialmente globalmente, entretanto ~~estes~~ redes locais podem se desenvolver como, por exemplo através do fortalecimento de identidades locais se pela busca a unidade de de outros usos - mesmo que para isto estejam envolvidos no contexto internacional.

2) Elaboração a relação com o conceito de território entendido notadamente a partir das relações de poder que ~~se~~ sendo estabelecidas por apropriação de determinada área, entendendo a importância das dimensões política e simbólica espacial assim como neste processo. ~~estes~~ Deste modo não se apropriamos de ser para indicar centralidade a territorialidade como uma estratégia espacial neste sentido o que é que o mesmo tem um caráter rígido pode ser (além como um dispositivo) aberta ou detida. Isso como nos permite a refletir sobre acesso e controle ou mesmo formas de interação e pertencimentos que definem determinadas territorialidades.

Além disso, a dinâmica da interação através do desenvolvimento de técnicas e informações - colocadas aqui no contexto da globalização -

merece atenção no transformação do espaço e tempo de forma que em nenhum outro tempo histórico foi possibilitada esta emergência e a possível experiência/representação do que foi considerado o espaço global <sup>(que</sup> sofreu fortes alterações). Assim, consideramos fundamental o desenvolvimento das redes como primeiro elemento a ser discutido para emergência de novas territorialidades. Conclui-se a rede como conjunto de localizações geográficas inter-relacionadas entre si por um certo número de ligações. De forma que a velocidade de transmissão da informação, a possibilidade mesmo de dobramento e a interface digital são fundamentais para compreensão dos fluxos de materiais, informações, energia e pessoas. A valorização de meios de produção e produção em rede mundial pode ser compreendida a partir, por exemplo, da atuação de multinacionais e da territorialização jurídica, econômica de meios tecnológicos tão inclusive difíceis de identificar. Emergem organizações locais regionais, a parte do processo produtivo se integram de diferentes formas. Além disso, Souza (2016) chama atenção para redes que atuam de forma que se entram, querendo dizer destaca que, em outra leitura do estabelecimento de rede, poder-se-ia destacar, mesmo em um período de valorização da fluxos e da conectividade, a atuação de atores locais que nem sempre são tratados "a luz" das compreensões das redes supranacionais. Isso que, para o autor, pode ser considerado uma "miopia" na interpretação de movimentos que as redes consideradas "sugestão de rede" equilibram a estrutura de rede por meio com o auxílio das redes sociais e de internet não prescindem do elemento que a faz e de ocupação do espaço público em sua atuação. Outro elemento ~~que~~ ~~destaca~~ destaca para compreensão de novas territorialidades é a leitura de fronteira. Desde uma concepção mais ampla a rede governamental que opera de transmissão em função de nova atuação (global/local) não desprezível, a fronteira não tem mais a função de diferencial formal em função de sua natureza e

Desde a concepção da geografia, há uma tensão a circulação "global" e a mobilidade por desigualdades, que através do diálogo com Massey (2001) nos coloca a pensar como gênero, sexualidade e raça no tocante a como as fronteiras são também vividas de forma diferente por sujeitos de diferentes nacionalidades quando pensamos nos fluxos migratórios, por exemplo. Quanto se as fronteiras são entendidas a partir dos fluxos e a riqueza analítica não de espacial, inferencial, porém (esta também considerada a partir de seu "movimento social")<sup>2</sup> a mesma pode ser lida através dos seus limites e periodicidade. A exemplo do que ocorreu nos trabalhos atuais do trabalho com a rede e, sobretudo no âmbito da rede como constituição no ato de pensar. As fronteiras (bem como território) são desiguais e deslocadas com Haesbrouck que através de sua discussão sobre a fronteira territorial faz uma alusão aos muros (as em um paralelo mais próximo com os novos limites) que tem se desenvolvido ao redor do globo. De forma que fluxos migratórios em ~~o~~ mesmo a questão de repulsões exemplificam algumas das formas de tipos de fronteiras como elementos ~~de~~ ~~redes~~ ~~para~~ compreender os novos territorialidades tornando estas relações possibilidades e entrelaçando limites para circulação no espaço de globalização.

(3) A compreensão das desigualdades e do do contexto material tem raízes ~~em~~ ~~que~~ ~~remetem~~ ~~ao~~ ~~processo~~ ~~de~~ ~~desaparecimento~~ ~~de~~ ~~po-~~ ~~nos~~ ~~que~~ ~~as~~ ~~desigualdades~~ ~~requerem~~ ~~firmes~~ ~~marco~~ ~~através~~ ~~do~~ ~~con-~~ ~~texto~~ ~~de~~ ~~recursos~~. Entretanto como recorre crucial a falta de integração que sempre a demanda a existência de desigualdades existentes por territorialidade "ilha" no tocante a comunicação/interação. Vale destacar a ~~plena~~ ~~de~~ ~~o~~ ~~processo~~ ~~relacionado~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~desaparecimento~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~benefício~~ ~~do~~ ~~principal~~ ~~benefício~~ ~~dos~~ ~~recursos~~. Neste sentido o processo de modernização ~~é~~ ~~o~~ ~~qual~~ ~~se~~ ~~desenvolve~~ ~~para~~ ~~o~~ ~~benefício~~ ~~do~~ ~~principal~~ ~~benefício~~ ~~dos~~ ~~recursos~~ ~~relacionado~~ ~~ao~~ ~~uso~~ ~~do~~ ~~termo~~ ~~centro~~ ~~interacional~~ ~~tem~~ ~~em~~ ~~seu~~ ~~total~~ ~~a~~ ~~construção~~ ~~de~~ ~~construção~~ ~~de~~ ~~recursos~~ ~~no~~ ~~seu~~

Sul-Sudeste, com o agravante de não "modernizar" a rede de estradas  
rodoviária e desigual, além de no contexto da modernização a ser feita  
e que inclui além o projeto de desenvolvimento desigual e  
desigualdade que inclui a expansão de São Paulo como pólo nodal  
na rede nacional e global, bem como a expansão entre cidades do  
SE e sul deste a qual poderiam citar o Rio de Janeiro. Além  
dessa expansão que os benefícios de parte dessa modernização não podem  
ser desviados de um Brasil de hoje como apontado, o que não  
leva a problematizar não só a desigualdade no tocante ao investimento  
/ distribuição de recursos no espaço como a escolha por concepções de  
desenvolvimento e estratégias de produção de qual seja o desinvestimento  
de uma zona de expansão no processo. Além disso produzidos a re-  
dinamização da desigualdade que ~~se~~ existe a agricultura familiar  
e pequena, de modo a atingir e simultaneamente explica o sucesso  
de fronteira do tipo em toda a impetividade de expansão econômica a  
esse processo. A modernização do campo e a demora tecnológica  
dependem das grandes agriculturas, a modernização do modo de vida  
(notadamente no sul, remeter a demora relacionada a herança e  
a divisão de propriedade entre irmãos) remete a desigualdade  
já por aí historicamente. Resumindo a Becker para exemplificar  
como a transição pode ser um resumo emblemático de que como  
o meio central e indispensável através do qual primeiramente  
de integração econômica. Neste momento vale lembrar que a  
própria instalação/melhoramento de vias deve ser entendido para  
comunicação inter-regional - sendo sua desigual. ~~De~~ De fato  
que após a década 70 foi a possível impetividade para além do poder  
interno e influência externa tanto no que tange ao desenvolvimento  
quanto ao interesse de agentes externos. A ocorrência de  
produção está intimamente a uma espécie multiescalar e a trans-  
ição de forma emblemática expõe a contradição da expansão  
produtiva, do modo de fronteira do tipo e da presença de rede.  
conexo a preservação de espaços (para o povo e para), da visão de

potencial e de riqueza viva que a floresta representa. Além, apesar da  
flexão e ~~da~~ transgressões adquiridas do avanço da técnica, de informa-  
ção, da tecnologia Becker nos alerta que "mesmo ~~as~~ as redes  
de fluxo e capital que circulam no mundo hoje não eliminam  
a riqueza "in situ", a riqueza localizada no território"; de maneira  
que a autora - através do exemplo de Amuzonia - destaca que  
no contexto da globalização são necessárias formas de gestão capazes  
de lidar com as desigualdades nos países e nos indivíduos. Se  
o Brasil tem exportado suas desigualdades aderidas pela concentração  
de recursos e técnicas e pouco também vem na relação com inter-  
nacionalmente para além de experiências de gestão. O meio técnico-  
científico informacional busca novas formas de exploração dos recursos  
(inclusive da biodiversidade - atrelada ao potencial) e exige, portanto  
formas de gestão capazes de perceber as diferenças existentes entre os  
indivíduos dependentes em ciência e tecnologia e os recursos cada  
vez maiores para "inventiva de gestão" ou a "regulação" controlada nos  
âmbitos do nacional.

Ademais considerando a atuação do movimento social "ambien-  
talista" por exemplo, como ~~atua~~ <sup>prato</sup> exercício de pressão (em relação  
aos setores) quanto ao estabelecimento de redes capazes de dialogar  
sobre gestão para o desenvolvimento. Becker alerta ainda que  
esse processo faz parte indutiva de maiores obrigações de fluxos, ou  
seja, são estes que ~~se~~ imobilizam a diversidade que sempre fluiu  
em, o desenvolvimento desigual ~~o~~ e até mesmo a exploração, e  
são inspirando possibilidades de novas intervenções com base no processo  
histórico geográfico que foi gestado. Portanto as desigualdades são combi-  
entais entidades de forma multi-escalas não possível da análise  
de que são os atores e agentes envolvidos nesse processo, quanto a  
resistência de poder que lutam com as desigualdades, as políticas de inter-  
venções de benefício de uns em detrimento de outros e as gestões  
que valorizam recursos ambientais e busca ~~seu~~ <sup>seu</sup> movimento local em mel-  
horar a criação de regulamentos mas seu momento rígido.